



## **X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades**

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

### **TROPAS MASCULINAS, FEMININAS OU MISTAS? UMA ABORDAGEM SOBRE A COEDUCAÇÃO NOS GRUPOS DE ESCOTEIROS EM CAMPINA GRANDE**

Andressa Barbosa de Farias Leandro-UFCG

Idealizado no início do século XX, pelo general inglês Baden-Powell, o Escotismo foi inicialmente elaborado para complementar a educação de garotos ingleses. Mas, devido à insistência de muitas garotas que queriam seguir o exemplo de seus irmãos e ingressar nas tropas escoteiras, logo, o criador do Escotismo, fundou um Movimento exclusivo para elas, o Girl Guides, que ficou conhecido no Brasil como o Movimento Bandeirante. Um longo caminho foi percorrido até a implantação da coeducação no Movimento Escoteiro. Em Campina Grande, onde as atividades escoteiras foram iniciadas no início da década de 1980, os Grupos de Escoteiros (General Sampaio, Santos Dumont e Baturité) sempre foram mistos, contudo havia uma separação entre meninos e meninas, ambos eram organizados em tropas femininas e tropas masculinas. O presente artigo propõe uma reflexão sobre a coeducação nos Grupos de Escoteiros de Campina Grande, nas décadas de 1980-1990, problematizando as relações de gênero dentro desses Grupos. Para a concretização desse estudo, realizamos uma pesquisa qualitativa no P.O.R (Programa de Organização e Regras) que rege os escoteiros do Brasil, também fizemos pesquisas nos arquivos dos referidos Grupos, recorreremos ainda, ao método da História Oral, assim, entrevistamos pessoas que fizeram parte do Movimento Escoteiro, no recorte temporal privilegiado nesse estudo.

**Palavras-chaves:** Campina Grande. Coeducação. Grupos de Escoteiros.

O Escotismo foi idealizado no ano de 1907, pelo General inglês Robert Stephenson Smyth Baden-Powell, para a complementação da educação dos garotos ingleses. Entretanto, “as meninas foram tão atraídas pela ideia quanto os meninos, elas não queriam ficar fora do grande jogo e das diversões experimentadas pelos seus irmãos” (BOULANGER, 2011, p. 219). Devido à insistência das meninas, Baden-Powell com a ajuda de sua irmã Agnes Baden-Powell<sup>1</sup>, decide criar um programa exclusivo para elas, denominado de Girl Guides<sup>2</sup>, com os mesmos objetivos do Escotismo, no que diz respeito, ao desenvolvimento do caráter e

---

<sup>1</sup> Coube a Agnes Baden-Powell a incumbência de escrever o manual do Movimento. Posteriormente a esposa do fundador, Olave Baden-Powell, se junta a Agnes, no trabalho de consolidação do Movimento.

<sup>2</sup> Baden-Powell escolheu esse nome inspirado em um corpo de guias indianos, notável pela sua habilidade e criatividade diante das dificuldades (BOULANGER, 2011).



## **X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades**

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

cidadania, contudo deveria incluir também “habilidades domésticas e maternais” (BOULANGER, 2011, p. 220). No Brasil, o Girl Guides, foi chamado de Movimento Bandeirante, fundado no ano de 1919, por iniciativa de Mário Cardim e Jerônima Mesquita (BLOWER, 1994).

Segundo Brasil (1984), o início das atividades escoteiras, na cidade de Campina Grande- PB, remonta ao ano de 1979, quando o deficiente físico Renilson, motivado pelos quadrinhos da Walt Disney<sup>3</sup>, pediu a colaboração do Major Damásio do quartel da 5ª companhia de infantaria, para estruturar uma tropa de escoteiros, possibilitando dessa forma, a fundação do primeiro Grupo de Escoteiros (GE) da cidade, denominado General Sampaio<sup>4</sup>. Inicialmente o Grupo obteve da UEB<sup>5</sup>, uma autorização provisória de funcionamento de quatro meses, após esse período foi expedido o seu certificado de Registro<sup>6</sup>. Em Campina Grande, o escotismo serviu ao propósito de afastar as crianças e jovens da rua, disciplinando-os e inculcando-lhes valores morais e cívicos, em um momento em que a cidade assim, como todo o país, passava por uma recessão econômica que resultou em desemprego, déficit habitacional e violência. Logo, o discurso escoteiro de valorização da disciplina, do patriotismo e do altruísmo ganhou a “simpatia” dos Poderes Públicos, que passou a apoiar o Movimento Escoteiro na cidade e a realizarem atividades sociais em conjunto com os

<sup>3</sup> Nas Histórias em quadrinhos da Walt Disney, os trigêmeos sobrinhos de Donald, Huguinho, Zezinho e Luizinho, são escoteiro-mirins. A primeira História sobre os escoteiro-mirins, cujo título é: “E quem salva o São Bernardo?” Foi criada em 1951, por Carl Barks e publicada na Walt Disney’s Comics and Stories nº 25. Nos quadrinhos, os escoteiros mirins sempre carregam consigo um exemplar do manual do Escoteiro-Mirim. Esse manual serviu de inspiração para que a Walt Disney publicasse outros manuais sobre dicas, cultura geral, fatos curiosos sobre a natureza e a vida em geral. No Brasil, o manual dos Escoteiro-Mirins, foi publicado pela primeira vez no ano de 1971, com dicas sobre fotografias, moedas antigas, cuidados com animais de estimação, acampamentos, trabalhos manuais, identificação de estrelas, dentre outras coisas. Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Escoteiros-Mirins>: Acesso em 10/12/2012.

<sup>4</sup> A fonte não cita os sobrenomes de Renilson nem do major Damásio.

<sup>5</sup> A UEB (União dos Escoteiros do Brasil) é uma sociedade civil de âmbito nacional, de direito privado e sem fins lucrativos, de caráter educacional, cultural, beneficente e filantrópico, reconhecida de utilidade pública, que congrega os Grupos de Escoteiros no Brasil. Ela está organizada em três níveis: nacional, com autoridade em todo território brasileiro, regional denominado Região Escoteira, podendo abranger uma ou mais unidades da federação, ou parte delas, com autoridade sobre a área que lhe for fixada (normalmente compreende os Estados da Federação), já o nível local é constituído pelos Grupos Escoteiros e Seções Escoteiras Autônomas, que são as organizações locais para a prática do Escotismo. A UEB é reconhecida de utilidade pública Federal pelos decretos nº 3.297 de 11/07/1917, reiterada pelo decreto nº 5.497 de 23/07/1928 e como instituição de educação extraescolar e órgão máximo do escotismo brasileiro pelo Decreto-Lei nº 8.828 de 24/01/1946.

<sup>6</sup> A autorização provisória de funcionamento do GE General Sampaio foi concedida pela União dos Escoteiros do Brasil, em 04 de setembro de 1979 e o seu certificado de registro foi expedido em 04 de janeiro de 1980. Documentação encontrada nos arquivos da Região Escoteira da Paraíba.



## **X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades**

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

escoteiros.

Posteriormente, o Movimento Escoteiro começa a se expandir na cidade, com a fundação do GE do Ar<sup>7</sup> Santos Dumont, fundado em 22 de dezembro de 1984, por Justino Bezerra<sup>8</sup>, e em 7 de abril de 1990, é fundado o GE Baturité, por iniciativa de Joilson Barbosa de Brito<sup>9</sup>. Nesse período, era comum a associação entre escotismo e militarismo. Partindo do pressuposto de que as representações são elaboradas através de imagens e símbolos, que são construídos em determinados contextos sociais, ou seja, são maneiras que os sujeitos encontram para explicar a realidade em que vivem (CHARTIER, 1990), entendemos que as representações, que associavam o escotismo e o militarismo, foram sendo construídas a partir de determinadas semelhanças, tais como o uso de uniformes, distintivos e disciplina, comuns a ambos. A associação arraigada, entre o Movimento Escoteiro e o militarismo, que existia nesse período e que ainda perdura até hoje<sup>10</sup>, ajuda explicar a ausência de meninas nos Grupos de Escoteiros do Estado da Paraíba nas décadas de 1980-1990. Por está associada às Forças Armadas, fazia com que muitos pais achassem que as práticas escoteiras não serviam para as meninas.

No ano de 1991, os membros juvenis, do Grupo de Escoteiros Baturité, eram todos do sexo masculino, entretanto, constatamos a presença do sexo feminino entre os membros adultos ou dirigentes<sup>11</sup>. Provavelmente, essas mulheres eram mães de membros juvenis, que passaram a integrar o Grupo por causa dos filhos. A predominância do sexo masculino, não era peculiar ao Movimento Escoteiro campinense, isso, também ocorria em todo o país:

---

<sup>7</sup> O Escotismo se divide em três modalidades: a modalidade básica, que enfatiza as atividades em terra e o ambiente mateiro; modalidade do mar (surgiu em 1909) que dá ênfase às atividades orientadas para a especialização em marinharia e ambiente náutico, e por fim, a modalidade do ar, onde se prioriza as atividades para especialização em aviação e ambiente aeronáutico. A modalidade do ar se originou, no Brasil, na década de 1930 por iniciativa de integrantes da aeronáutica e se consolidou entre as décadas de 1960-1980 com o Curso de Adestramento do Ar (CATAR) para adestrar os escoteiros e chefes (NASCIMENTO, 2008, p. 68). Tal fato demonstra a influência dos militares no Escotismo brasileiro. Fica a critério dos Grupos de Escoteiros a escolha pela modalidade a ser seguida. O GE General Sampaio e o GE Baturité são da modalidade básica, já o GE Santos Dumont segue a modalidade do ar.

<sup>8</sup> Registro da União dos Escoteiros do Brasil nº 002/85.

<sup>9</sup> "Escoteiros da Borborema". **Jornal da Paraíba**, 22/03/1993, p. 4.

<sup>10</sup> De acordo com a escotista, Janaína Maria da Costa Ferreira, atual Diretora-Presidente do GE Baturité, alguns pais ainda procuram o Grupo, achando que o Movimento Escoteiro é pré-requisito para as Forças Armadas. Entrevista concedida à autora no dia 24/08/2013.

<sup>11</sup> Dados consultados no Censo Escoteiro da Região Escoteira da Paraíba do ano de 1991. Fonte: Relatório da Anual União dos Escoteiros do Brasil- Região da Paraíba, 1991.



## X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

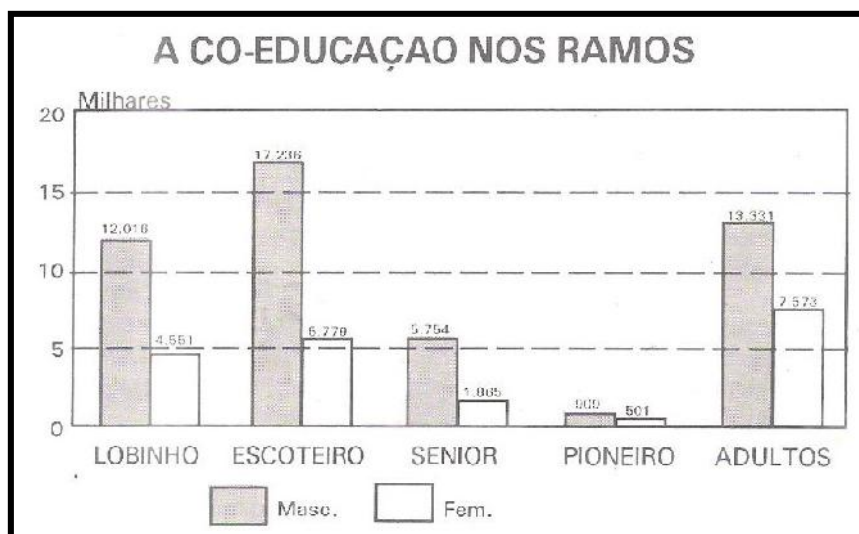


Figura 1: A coeducação nos ramos escoteiros (Fonte: UEB, 1992, p.13)

As discussões sobre a instituição das escolas mistas, no ensino escolarizado, durante as conferências mundiais de educação, na segunda metade da década de 1970, possibilita pensar o Movimento Escoteiro como lugar de coeducação (SANTOS; LESSA; SANTANA, 2011). A coeducação é definida pela UEB (2008) como sendo um processo, no qual meninos e meninas, rapazes e moças vivenciam um plano educacional para atingir um desenvolvimento harmônico da personalidade, favorecendo assim, à educação recíproca, onde estão presentes os princípios, o propósito e o método de ensino escoteiro. Os dados do Relatório Anual da UEB, realizado, no ano de 1992, sugere que essa coeducação ainda estava começando a trilhar o seu caminho, visto que os Grupos de Escoteiros eram constituídos em sua grande maioria por pessoas do sexo masculino, tal como acontecia, no estado da Paraíba.



## **X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades**

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

No Brasil, o processo de coeducação, no Movimento Escoteiro foi implantado entre os anos de 1979 e 1985, a partir de então, os Grupos de Escoteiros passariam, gradativamente, a admitir em seus espaços, lobinhas, escoteiras, guias e pioneiras<sup>12</sup> (SANTOS; LESSA; SANTANA, 2011). Durante esse período, 16 Grupos de Escoteiros experimentais puseram em prática a coeducação, nos ramos: Lobinho, Escoteiro, Sênior e Pioneiro. As dúvidas, sobre a viabilidade da coeducação no escotismo, foram esclarecidas, através das experiências desenvolvidas nesses Grupos<sup>13</sup>. Para um GE se transformar em um GE misto, era preciso optar por uma das alternativas:

A primeira seria as seções paralelas ou independentes, em que um Grupo Escoteiro com uma seção feminina realizaria atividades eventuais e progressivas com a Seção Masculina. A segunda, denominada seções integradas, agregaria meninos e meninas em uma mesma tropa, mas em patrulhas ou matilhas distintas por sexo. A terceira, chamada seções mistas seriam formadas por equipes mistas com equilíbrio numérico entre meninos e meninas, com Chefia Mista (SANTOS; LESSA; SANTANA, 2011, p.8).

Em Campina Grande, os Grupos de Escoteiros sempre foram mistos, mas inicialmente, predominou a primeira alternativa, ou seja, funcionavam nesses Grupos as chamadas seções paralelas, conforme relembra a nossa entrevistada Maria de Fátima Morais:

Naquela época, as atividades eram separadas. Não existia a tropa mista, depois é que apareceu. O Sampaio tinha duas tropas, uma masculina e uma feminina, eu acho que a maior tropa feminina foi na época que eu fui escotista, eram 32 membros: quatro patrulhas de oito. Eu e minha assistente para organizar. Os escoteiros e as escoteiras só se encontravam no final da reunião.<sup>14</sup>

A mesma se refere ao final da década de 1980, período em que o GE General Sampaio tinha uma tropa composta somente por meninas. A tropa feminina e a tropa masculina não faziam a mesma atividade, as meninas e os meninos só se encontravam na cerimônia de abertura da reunião, quando todo o Grupo se reunia para o hasteamento da Bandeira, cantar o hino nacional e fazer uma oração, em seguida cada tropa se dirigia às suas atividades,

---

<sup>12</sup> Antes do processo de coeducação, as meninas só podiam integrar o Bandeirantismo, Movimento destinado ao sexo feminino.

<sup>13</sup> As primeiras experiências de coeducação, no ramo Lobinho, ocorreram no ano de 1978 e foram oficializadas em 1982, já no ramo Escoteiro as experiências de coeducação foram iniciadas em 1980, no ramo Sênior a experiência com guias escoteiras ocorreram em 1981, quanto ao Ramo pioneiro as primeiras experiências ocorreram em 1968, sendo oficializada em 1979 (SANTOS; LESSA; SANTANA, 2011).





## **X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades**

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

voltando a se reunirem, no final da tarde, para o encerramento da reunião. A esse respeito, o escotista, Edmar Cícero de Melo, relembra:

A gente tinha patrulhas masculinas e femininas. Naquele tempo, existiam atividades para as meninas e atividades para os meninos. A gente nunca fazia atividade conjunta, só em acampamentos e algumas atividades especiais de sábado, sempre disputava meninos contra meninas (...) elas competiam por igual, não tinha aquela discriminação não, às vezes, as meninas ganhavam dos meninos, elas faziam rapel, escalada (...) quem cuidava da tropa feminina era uma chefe, ela sempre fazia aquelas atividades voltadas para o dia a dia de cada menina.<sup>15</sup>

As tropas femininas, preferivelmente, tinham que ser coordenadas por chefes mulheres, pois os dirigentes do escotismo consideravam que elas tinham a sutileza necessária para lidar com as garotas, que estavam vivendo as turbulências da pré-adolescência. As atividades entre meninos e meninas eram eventuais, a convivência entre eles, só aconteciam em acampamentos ou quando os chefes das patrulhas, masculina e feminina, decidiam fazer uma atividade conjunta, como por exemplo, um jogo que reunisse tanto os escoteiros quanto as escoteiras, para que as reuniões não ficassem repetitivas<sup>16</sup>. Entretanto, não era em todos os acampamentos que os meninos e as meninas realizavam atividades conjuntas, muitas vezes isso só acontecia nos acampamentos regionais (a exemplo do ELO<sup>17</sup>), que envolviam todos os Grupos de Escoteiros da Paraíba.

Nesse sentido, o escotista Sérgio Rodrigo Menezes de Freitas, relembra que durante um bom tempo, no GE do Ar Santos Dumont, os acampamentos eram realizados, respeitando a separação entre os sexos. Deste modo, os acampamentos das patrulhas masculinas e femininas eram organizados em datas diferentes. Cabe ainda ressaltar que, nos acampamentos das patrulhas femininas, os chefes iam pernoitar no local, para fazerem rondas, assegurando assim, a tranquilidade do acampamento.

Quando eram realizados os chamados acampamentos de Grupo, tinha-se o cuidado de organizar jogos, brincadeiras que possibilitassem colocar meninos e meninas competindo em lados opostos, ou seja, mesmo que estivessem juntos, no mesmo acampamento, observa-se que ainda assim, havia certa separação entre os sexos.

---

<sup>15</sup> Entrevista de Edmar Cícero de Melo, concedida à autora, no dia 18/03/2013.

<sup>16</sup> Idem.

<sup>17</sup> ELO (Escoteiros Locais em Operação), acampamento regional que envolve todos os membros escoteiros do Estado da Paraíba.



## **X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades**

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

Mas porque essa preocupação em separar meninos e meninas? Provavelmente, essa também era uma preocupação dos pais, que não achavam prudente deixarem suas filhas acamparem junto com os meninos, pois temiam que essa convivência estimulasse o namoro entre ambos. Outro ponto a considerar é que o escotismo, durante muito tempo, foi visto como uma atividade, tipicamente, masculina, talvez por isso, houve essa resistência inicial em juntar meninos e meninas, na mesma tropa. Muitas das meninas que integraram os Grupos de Escoteiros de Campina Grande, principalmente, na década de 1980, tinham irmão(s) que faziam parte desses Grupos, o que justifica em parte, o ingresso delas, no Movimento Escoteiro.

Parece-nos que a coeducação, nos Grupos de Escoteiros, era parcial e caracterizada por certa distinção entre os gêneros. Desta feita, observamos que as meninas ao mesmo tempo em que tinham o corpo disciplinado para que pudessem realizar atividades em acampamentos que lhes exigiam resistência física, elas também eram direcionadas a conquistarem especialidades que privilegiassem habilidades domésticas e artesanais, ou seja, “atividades voltadas para o dia a dia de cada menina”, conforme citou o escotista Edmar Cícero de Melo.

Essa divisão entre meninos e meninas, observadas nos ramos, Escoteiro e Sênior, não se estendia ao ramo Lobinho, onde as matilhas<sup>18</sup> eram mistas. Os chefes de seção do ramo Lobinho (Chamados de akelás) eram preterivelmente mulheres, devido à paciência e o instinto maternal que lhes são atribuídos. Mesmo quando os Grupos de Escoteiros de Campina Grande, em meados da década de 1990, introduziram as tropas mistas, coube aos homens assumirem a liderança, já para as mulheres, pelo menos em um primeiro momento, foi imposta a função de assistente, denotando assim, a existência de um preconceito de gênero, no Movimento Escoteiro de Campina Grande, sobretudo, na década de 1980. Passada mais de duas décadas, observa-se que nos Grupos de Escoteiros de Campina Grande (General Sampaio, Santos Dumont e Baturité) a coeducação é plena.

### **Referências:**

---

<sup>18</sup> As matilhas são compostas por seis lobinhos. A soma de quatro matilhas forma a alcateia, correspondente às tropas dos ramos: Escoteiro e Sênior.



## **X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades**

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

- ALBERTI, Verena. **Manual de história Oral**. 3 ed.- Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.
- AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta de Moraes (coordenadoras). **Usos e abusos da História Oral**. 8 ed.- Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- BADEN-POWELL, Robert Stephenson Smith. **Escotismo para Rapazes**. Curitiba: Escritório Nacional da UEB, 2006. (Edição Comemorativa ao centenário do Escotismo- 1ª edição 1908).
- \_\_\_\_\_. **Guia do Chefe Escoteiro** Tradução Gen. Leo Borges Fortes. 7.ed. Curitiba: Ed.Escoteira, União dos Escoteiros do Brasil, 2008.
- \_\_\_\_\_. Lições da Escola da vida: autobiografia de Baden-Powell. Brasília: Editora Escoteira da UEB, 1986.
- BLOWER, Bernard David Almirante. **História do Escotismo Brasileiro: Os primórdios do Escotismo no Brasil**. Vol. I- 1919-1924. Rio de Janeiro: CCME, 1994.
- BOULANGER, Antonio. O Chapelão: histórias da vida de Baden-Powell. 3 ed. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2011.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3ed. São Paulo: Cia das Letras, 1994.
- BRASIL. **Livro do Mobral do município de Campina Grande**. João Pessoa, UNIGRAF- União Artes Gráficas Ltda, 1984.
- BRASIL. **Relatório anual da Educação Municipal de Campina Grande**, 1981.
- BRASIL. **Plano Educacional de Educação-biênio 1984-1985**.
- CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Col. Memória e sociedade. Trad. Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
- Escoteiros da Borborema. **Jornal da Paraíba**, 22/03/1993, p. 4.
- FERREIRA, Marieta Moraes (Cord.). **Entre-vistas: abordagens e usos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1994.
- \_\_\_\_\_. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1998.
- \_\_\_\_\_. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão; tradução de Lígia M. Pondé Vassalo**. Petrópolis, Vozes, 1987.
- LIBANÊO, José Carlos. Pedagogias e pedagogos: inquietações e buscas. **Educar** nº 17, p. 153-176. Curitiba: Editora da UFPR, 2001.





## **X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades**

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos In. PINSKY, Carla Bressanezi (org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005, p. 111-153.

LOURO, Guaracira Lopes. **O Corpo Educado: Pedagogias da sexualidade**. 2. ed. Autentica. Belo Horizonte, 2000.

NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. **A escola de Baden-Powell: cultura escoteira, associação voluntária e escotismo de estado no Brasil**. Rio de Janeiro: Imago, 2008.

Registro da União dos Escoteiros do Brasil nº 002/85.

SANTOS, Aldenise Cordeiro; LESSA, Livia Lima; SANTANA, Anthony Fábio Torres. **Mulheres nas tropas escoteiras: um movimento para pensar a co-educação no escotismo**. Disponível em: <http://www.educonufs.com.br/vcoloquio/cdcoloquio/cdroom/eixo%20/PDF/Microsoft%20Word%20%20MULHERES%20NAS%20%20TROPAS%20ESCOTEIRAS.pdf>. Acesso em 15/03/2013.

UEB (União dos Escoteiros do Brasil). **POR- Princípios, Organização e Regras**. Curitiba, 2008.

\_\_\_\_\_. **Projeto Educativo do Movimento Escoteiro**. Curitiba, 1993.

\_\_\_\_\_. **Relatório Anual da União dos Escoteiros do Brasil**, 1992. .

\_\_\_\_\_. **Relatório da Anual da União dos Escoteiros do Brasil- Região da Paraíba**, 1991.

<<http://pt.wikipedia.org/wiki/Escoteiros-Mirins>>: Acesso em 10/12/2012.

### **Entrevistas:**

FERREIRA, Janaína Maria Costa. Entrevista concedida à autora em 24/ 08/2013.

FREITAS, Sérgio Rodrigo Menezes de. Entrevista concedida à autora em 29/05/2013.

MELO. Edmar Cícero de. Entrevista concedida à autora em 24/03/2013.

MORAIS, Maria de Fátima. Entrevista concedida à autora, no dia 18/03/2013.



**X Colóquio Nacional Representações  
de Gênero e de Sexualidades**

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura